



Declaração final do grupo de trabalho sobre a Paz

Ethics in Action for Sustainable and Integral Development



A paz positiva e seus pilares

As religiões do mundo são baseadas na paz, pedem por paz e promovem a paz. Líderes religiosos, desde o tempo dos profetas, têm exortado a respeito de “converter as espadas em enxadas” [1]. “Bem-aventurados são os pacificadores”, declara Jesus nas bem-aventuranças. Muçumanos, hindus, budistas, jainistas, *sikhs*, indígenas e outras religiões entendem – cada um à sua maneira – que a paz é o verdadeiro “nome” de sua religião. Por meio das diversas religiões, a doutrina de não matar e respeitar a vida é profundamente compartilhada. A obrigação de promover a paz é um imperativo moral e espiritual em diferentes tradições religiosas. Sendo assim, interpretações de religiões que vão contra a paz são autocontraditórias.

Para todas as religiões do mundo, a paz vai além da mera ausência de guerra. Essas tradições, cada vez mais, compartilham uma visão da “paz positiva” enraizada na dignidade do indivíduo e na unidade de todos, baseada na experiência que cada religião tem do transcendente. A visão da paz positiva é construída sobre quatro pilares essenciais explícitos na encíclica *Pacem in Terris* (Paz na Terra, 1963) do Papa João XXIII, mas que são aceitos por outras religiões, em seus próprios termos, como pilares que refletem o mais profundo desejo do espírito do homem – verdade, justiça, caridade e liberdade. Desta forma, a paz positiva requer a revelação da dignidade humana de uma forma que é, diretamente, ligada em honrar os direitos e à execução das responsabilidades recíprocas. Isso também está intimamente ligado à nossa obrigação comum de buscar o bem do próximo e evitar o mal pelo avanço do bem-estar compartilhado, o que inclui viver em harmonia com a natureza.

A diversidade de religiões afirma que essa visão positiva da paz exige o cultivo paciente e resoluto das virtudes pessoais e das instituições orientadas por valores. De fato, os pilares da paz positiva devem ser apoiados por virtudes como respeito mútuo, confiança e a não-violência. A tolerância, enquanto necessária, deve ser reforçada com verdadeira solidariedade. Do mesmo modo, a justiça deve ser sempre executada em conjunto com a misericórdia, pois do contrário, a justiça humana seria uma fundamentação imperfeita para a paz. Além disso, o cultivo de virtudes pessoais não é o suficiente – essas virtudes devem também encontrar expressão institucional, de modo a desafiar e transformar as estruturas de violência e injustiça naquelas que nutrem a paz. Como observou o Papa Francisco, a paz é uma “virtude ativa” que exige o engajamento e cooperação de cada indivíduo e a sociedade como um todo. A paz é o nosso destino verdadeiro que faz com que persegui-la seja nossa responsabilidade e alcançá-la seja nosso direito.

Desafios para a paz

A paz é comprometida sempre que a verdade, a justiça, a caridade e a liberdade – os pilares da paz positiva – são minados; sempre que as virtudes relacionadas ao respeito mútuo, confiança, solidariedade e misericórdia são negadas; e sempre que as instituições ferem a dignidade humana e falham servir ao bem comum.

Existem muitas causas imediatas de guerra. Algumas guerras se enraízam no medo, no desespero, em ameaças percebidas e em verdadeiras privações e injustiças. Atualmente, um problema é o risco de conflito agravado pela extrema pobreza e desigualdade, pela marginalização persistente e exclusão social, e pelo avanço alarmante da degradação ambiental. Neste viés, as mudanças climáticas podem ser vistas como uma guerra silenciosa no planeta, e o Acordo de Paris como um tratado de paz. Outras guerras possuem fundamentos mais desprezíveis – motivadas pela busca por lucros, terras, recursos, glória, vingança, rendimentos ou vantagem geopolítica. Independentemente das causas, guerras violam a dignidade humana e destroem o tecido do bem comum. Elas fornecem terrenos férteis para demagogos espalharem medo e ódio. As guerras representam a falência da política e, normalmente, são mais fundamentadas em mentiras do que em verdades. Deve ser reconhecido também que este é um momento particularmente perigoso para a paz, com as tensões pairando o mundo. O Relógio do Apocalipse (*Doomsday Clock*) do Boletim de Cientistas Atômicos, atualmente, marca 2 minutos e meio para meia-noite, sinalizando o maior risco de apocalipse desde 1953.

Muitas religiões têm reconhecido que algumas guerras podem ser consideradas, num sentido limitado, “justas”, porque são defensivas, um último recurso, são legais, poupam não-combatentes e usam força militar limitada que é proporcional à causa do conflito. Atualmente, numa era em que armas são usadas em áreas comuns a civis e militares, o limite para uma guerra, tecnicamente “justa”, deve ser extremamente alto. E mesmo que uma guerra possa ser considerada “justa”, ela remete à uma profunda falha no ideal da não-violência.

Embora muitas guerras acabem acontecendo apesar dos intensos esforços de prevenção de muitos líderes religiosos e de comunidades; muitas vezes, as religiões estão, tragicamente, envolvidas em guerras. Líderes demagogos podem afirmar que a comunidade local ou nacional está ameaçada em sua identidade religiosa, e procuram mobilizar a religião para justificar a violência ou para ganhar poder político. Promotores da violência podem apelar para textos e tradições religiosas para defender a violência. Trabalhando juntos com respeito mútuo, as religiões do mundo tem, bravamente, começado a rejeitar a violência em nome da religião – e devem fazer isso de maneira muito mais firme.

O Papel da Religião

Trabalhando juntas, as comunidades religiosas promovem a paz de três principais formas. Primeiro: elas proveem uma base ética compartilhada para a paz, enraizada nos conceitos de dignidade humana, no bem comum e na regra áurea [2]. Segundo: as religiões são bem equipadas para uma construção estratégica da paz – coordenando recursos locais, nacionais e internacionais para eliminar conflitos violentos, empenho pela justiça social, e construindo elos de cooperação e solidariedade. Terceiro: as religiões podem utilizar suas experiências de misericórdia, compaixão e a capacidade de amar e se doar para absorver os sofrimentos causados pela crueldade humana, além de avançar nas curas, reconciliação e perdão aos inimigos.

Muitas iniciativas entre religiões têm tido contribuições decisivas para a paz; por exemplo, diferentes configurações de indígenas, hinduístas, budistas, jainistas, *sikh*, *yazidis*, judeus, cristãos, muçulmanos, e outros representantes religiosos (incluindo mulheres e jovens) têm ajudado a mediar conflitos entre grupos, proporcionar reconciliação, justiça e misericórdia em suas comunidades. Logo, essas comunidades em conflito foram ajudadas a *re-imaginar* seus futuros, reafirmar suas esperanças, tratar os malefícios do passado, curar-se e avançar juntos.

Há também inúmeros exemplos de profundas e transformadoras intervenções globais de líderes religiosos em incentivar líderes políticos na busca da paz. *Pacem in Terris* desempenhou um papel histórico na Crise dos Mísseis de Cuba para ajudar os Estados Unidos e a União Soviética a encontrar uma solução para o controle de armas, ou seja, o Tratado de Interdição Parcial de Ensaios Nucleares de 1963 e o Tratado de Não-Proliferação Nuclear de 1968. Em 1989, no Acordo de Taif terminou a guerra civil do Líbano, desarmando milícias, e criou a partilha do poder político entre várias comunidades nacionais. O Vaticano também desempenhou papel decisivo no conflito entre Argentina e Chile, Azerbaijão e Armênia, assim como na guerra civil da República Centro-Africana. Mais recentemente, a Igreja Católica desempenhou um papel importante e profícuo em reunir os partidos conflitantes na Colômbia para negociar e entrar em um acordo de paz, finalizando o mais duradouro conflito militar no planeta.

O Papel da Ética em Ação

O desafio enfrentado pela Ética em Ação é encontrar passos práticos para uma sabedoria única, bela e que reflita as convicções morais das grandes religiões para ajudar a guiar o mundo à beira da guerra para uma visão de paz positiva enraizada na relação indissociável entre a revelação da dignidade humana e o avanço do bem-estar comum.

Portanto, a Ética em Ação é a solução naquilo que puder para auxiliar os líderes religiosos a promover a paz. O intuito é mobilizar as comunidades internacionais, científicas e acadêmicas para disseminar a mensagem de que a religião não deve ser instrumentalizada e manipulada em nome de agendas políticas. Pelo contrário, os líderes religiosos se comprometem a reduzir o medo em suas comunidades, combatendo mentiras que acompanham os rumores de guerra, e a promover ativamente as virtudes da paz positiva e as instituições que incorporam e executam essas virtudes. Isso deve incluir a luta contra a propagação do ódio e da violência através da internet e redes sociais.

Neste segmento, propomos, especificamente, as seguintes medidas, tanto em termos de advocacia (ou defesa de direitos) como de nosso próprio engajamento:

Advocacia

- Requerer à Secretaria Geral das Nações Unidas a inclusão da questão de religião e paz na agenda do Conselho de Segurança durante 2017, como apoio à paz global e desenvolvimento sustentável.
- Recomendar a criação de um Grupo de Contato Inter-Religioso para a Secretaria Geral e Conselho de Segurança das Nações Unidas.
- Criar e implementar uma estratégia abrangente, intercultural e de mídia para modificar a narrativa sobre o Islã nos Estados Unidos e Europa, e de minorias em países, majoritariamente, islâmicos.
- Impulsionar a criação de um fundo para redução de gastos militares e realocação de recursos para financiar o desenvolvimento sustentável (o “Fundo Isaias” ou o “Fundo Papa Paulo VI”).
- Impulsionar em busca de um mundo livre de armamentos nucleares (seguindo o apelo de muitos líderes religiosos, incluindo a súplica do Papa Paulo VI ao desarmamento multilateral nas Nações Unidas em 1965 e a condenação moral do Papa Francisco às armas nucleares em sua Mensagem do Dia Mundial da Paz de 2017).
- Impulsionar a implementação completa do Acordo de Paris e sensibilizar sobre as relações entre as mudanças climáticas e conflitos.

Engajamento

- Produzir uma declaração pública conjunta por líderes religiosos que represente um apelo coletivo de ação para o despertar da moral e da ética para apoiar a promoção da paz positiva.
- Promover, de forma abrangente, a virtude da resolução de conflitos por meio da não-violência.

- Assegurar ampla participação de comunidades e líderes religiosos na Marcha Mundial Climática em 29 de abril.
- Organizar campanha de Ética em Ação/Religiões pela Paz para a cura e reconciliação na Síria.
- Desenvolver e disseminar, por meio de redes religiosas, um currículo de educação em Ética em Ação para promover a cultura da paz.
- Trabalhar com fundações para apoiar iniciativas inter-religiosas de base em comunidades multi-religiosas em conflito.
- Alcançar os líderes dos grupos de desarmamento nuclear para oferecer suporte às comunidades e aos líderes religiosos.
- Usar e aprofundar os canais de comunicação de paz, utilizando púlpitos, congregações e também redes sociais.

[1] Expressão original “*beat/turn swords into ploughshares*” é de origem bíblica, e segundo o *Cambridge Dictionary*, significa viver de um modo pacífico e investir em soluções de paz em vez de armas.

[2] The Golden Rule.